

## Um diálogo que abre o coração: Jesus e a Samaritana junto ao poço de Jacó (Jo 4,1-42)

*A Dialogue that Opens the Heart: Jesus and the Samaritan Woman at Jacob's Well (John 4:1-42)*

MARIA ISABEL DOS SANTOS ARAÚJO\*

**Resumo:** Trata-se de uma pesquisa realizada para o Programa de Iniciação Científica da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, do ano de 2023, tendo como orientador o Professor Doutor D. Basílio da Silva, OSB. Esta pesquisa foi realizada no âmbito do estudo literário, exegético e teológico, partindo de sua definição e objeto próprios, cujo objetivo é estudar cada perícopo joanina com ênfase na análise narrativa para o Evangelho e a retórica-literária para as Cartas. A perícopo Jo 4,1-42 apresenta o diálogo de Jesus com uma mulher samaritana e demonstra como a Palavra de Deus é capaz de oferecer abertura ao diálogo e a conversão do coração.

**Palavras-chave:** Palavra. Diálogo. Coração. Conversão. Samaritana.

**Abstract:** This is a research carried out for the Scientific Initiation Program at the Faculty of São Bento do Rio de Janeiro, in the year 2023, with Professor D. Basílio da Silva, OSB, as advisor. This research was carried out within the scope of literary, exegetical, and theological study, based on its own definition and object, whose objective is to study each Johannine

---

\* Maria Isabel dos Santos Araújo é mestranda em Educação pela Fundação Universitária Ibero-americana, Pós-graduada em: Psicopedagogia pela Universidade do Grande Rio; Psicanálise pela Sociedade Fluminense de Psicanálise; Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro; Educação Diversidade e Inclusão Social pela Universidade Católica Dom Bosco, Graduada no Bacharelado em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Orientadora Educacional pela Secretaria Municipal de Educação de Nilópolis e Coordenadora Pedagógica e Professora pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. A pesquisa foi desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, recebendo fomento da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI-RJ). Contato: [missbelstar@gmail.com](mailto:missbelstar@gmail.com)

pericope with an emphasis on narrative analysis for the Gospel and literary rhetoric for the Letters. The pericope John 4:1-42 presents Jesus' dialogue with a Samaritan woman and demonstrates how the Word of God can offer an opening to dialogue and conversion of the heart.

**Keywords:** Word. Dialogue. Heart. Conversion. Samaritan.

## Introdução

O Evangelho de São João apresenta uma linguagem simples e, ao mesmo tempo, refinada e poética. O episódio de Jesus com a mulher samaritana caracteriza-se por apresentar a personalidade íntegra de Jesus diante da capacidade de transformar o coração do homem por meio do diálogo pessoal. O objetivo deste artigo é extrair da perícopa um caminho de pesquisa textual que possa oferecer ao fiel cristão contemporâneo alguns ensinamentos de Jesus no Quarto Evangelho. O diálogo entre a mulher samaritana e Jesus (Jo 4,7-26) pode ser dividido em duas cenas: a cena 1, trata do encontro de Jesus com a mulher samaritana e o diálogo sobre a água (Jo 4, 7-15), a cena 2 trata da exposição de Jesus sobre os maridos (vv. 16-18), o verdadeiro lugar do culto e onde adorar a Deus (vv.19-24). O diálogo se encerra com a descoberta da mulher samaritana acerca da identidade de Jesus e a declaração feita por ele como salvador do mundo (vv. 25-26). Os versículos seguintes possuem um duplo movimento, a volta da mulher à cidade para dar testemunho sobre o verdadeiro Messias e a saída dos habitantes de Samaria em direção a Jesus (Jo 4,27-30). Já os versículos 31-38 descrevem o diálogo de Jesus com os discípulos sobre o verdadeiro alimento e a obra missionária do Pai a ele conferida. Os versículos finais da narrativa apresentam a conversão dos samaritanos e o reconhecimento de Jesus como o verdadeiro salvador do mundo (Jo 4,39-42). O que há de mais notável no encontro da mulher samaritana com Jesus, é o alto nível teológico, habilmente conduzido por ele, no reconhecimento da sua verdadeira natureza como Filho de Deus, tornando a samaritana uma anunciadora do evangelho de Cristo entre o povo da Samaria.

## 1 A Palavra no Antigo e no Novo Testamento

No Antigo Testamento, a Palavra descreve a história da salvação, tendo como tarefa essencial a revelação do acontecimento divino. O Senhor falava face a face com Adão e Eva (Gn 1,16ss), Moisés (Ex 33,11) e também Abraão, chamando-o de “meu amigo” (Is 41,8). Quando Deus fala, o mundo é criado (Sl

33,9). A Palavra é o instrumento privilegiado de qualquer aliança e a ausência dela é causa de morte, pois nada que existe sobrevive. A Palavra é decisiva como a vida e a morte (Pr 18,21), poderosa como a promessa (Gn 12,2-3), lampejante como o trovão (Ex 19,19), espiritual como o vento (1Rs 19,11-12), irrefreável como o furacão (Sl 29), dura e sólida como a pedra (Is 9,7), capaz de dar início ou fundar o mundo e também destruí-lo, capaz de transformar a realidade do cosmos e do homem (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 1056).

A Palavra é também anúncio e missão. Os textos veterotestamentários indicam o anúncio ou Εὐαγγέλιον, que significa levar uma notícia boa ou má (2Sm 4,10; 18,26); fazer ouvir, anunciar (Dt 4,36; Js 6,10; Jz 18,25; Ne 8,25; Sl 66,8; 106,2; Ct 2,14; Is 42,2; 58,4) ou o anúncio profético que exprime grito, apelo (Jn 3,2), em grego κέρυγμα. (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 96-97).

No Novo Testamento, a obediência a Deus e a Sua Palavra são assumidas por Jesus de Nazaré que, consciente de sua identidade como Filho enviado por Deus, considera a obediência e a escuta como finalidade de sua missão. Deus narra e interpreta o homem por meio da história e o homem reconhece o seu destino e a plenitude do seu ser não pelo que ele mesmo produz, mas por meio da escuta da Palavra de Deus.

O Deus invisível (Cl 1,15; 1Tm 1,17), na riqueza do Seu amor, fala aos homens como a amigos para os convidar e admitir a participação na Sua própria vida (DV 2). A *Dei Verbum* apresenta a Revelação como uma conversa de Deus com o homem e a palavra é o instrumento da Aliança de Deus com o homem. A Palavra era Deus, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος (Jo 1,1), objetiva, ouvida e vista. A Palavra assume um corpo e se torna visível abraçando o mundo e a história, devido à iniciativa do amor de Deus. O Quarto Evangelho torna clara esta convicção nas palavras de Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4,34).

Deus pede ao ser humano obediência e escuta à Sua Palavra (Mannucci, 2008). Na fé cristã, a voz de Deus é compreendida e reinterpretada como uma proposta de diálogo, amizade, intimidade e amor (Mc 10,21), sendo capaz de destruir as barreiras do ciúme, da inveja, do antagonismo, da autoafirmação e da inimizade. A voz de Deus já não causa medo, mas oportunidade de escolher por meio da liberdade reconquistada por Cristo e testemunha na tradição joanina, mas não apenas nela, com o uso do advérbio καθὼς ou “assim como” uma possibilidade concreta de compreender o preceito dado pelo Senhor na entrega do seu próprio Espírito, para que o discípulo possa amar καθὼς ἠγάπησα ὑμᾶς ou “como eu vos tenho amado” (Jo 15,12; 13,34; 15,9; 17,26; 1Jo 4,7.12.19).

## 2 Babilônia, Samaria e Jerusalém no contexto bíblico da salvação

A cidades de Babilônia, Samaria e Jerusalém, no contexto bíblico, eram consideradas prostitutas devido à sua idolatria. Segundo Ravasi, a ideia de prostituição é uma metáfora da infidelidade do povo a Yahweh. Oseias expressa o culto de Ba'al e a aliança com a Assíria conforme categorias sexuais (Os 8,9; 9,10; 12,10; 13,4-6). Os autores deuteronomistas Jeremias e Ezequiel a reservam para as infidelidades de natureza religiosa dos cultos a outros deuses, pois Yahweh é o Deus único (Jr 2,1-25; Ez 16,36; 23, 22-23) (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 1210).

Samaria localizava-se na Palestina Central, tendo ao sul a Judeia e ao norte a Galileia. No ano de 721 a.C., o rei assírio conquistou a Samaria, deportou seus habitantes e mandou vir gente da Babilônia e de outras cidades. Devido à mistura racial, os samaritanos foram considerados de identidade diferente dos judeus, e não prestavam culto ao Senhor. Então o rei assírio ordenou que fosse enviado um dos sacerdotes deportados para ensiná-los a venerar Yaweh (2Rs 17,27-28). Entretanto, cada nação conservou o seu próprio deus nos lugares altos estabelecidos pelos samaritanos (2Rs 17,29).

Após o cativeiro, os israelitas ao retornarem à Samaria se corromperam pela idolatria daqueles povos. Apesar disso, se mantiveram monoteístas, admitindo somente o Pentateuco. A Samaria era tratada como um país pagão, por conseguinte o ódio entre judeus e samaritanos impedia a um judeu atravessar aquele território. Era preferível um caminho mais longo, dando a volta pela Perea (Lc 9,51-56). E qualquer judeu que se aproximasse de um samaritano era considerado impuro, e não era permitido sequer aceitar comida desse povo sem se contaminar, como dizia a Torah. Por sua vez, os samaritanos odiavam igualmente os israelitas e os tinham por inimigos.

Havia, portanto, uma certa tensão entre as duas etnias por razões ideológicas e religiosas e os samaritanos não tinham interesse de abandonar as suas crenças. O Pentateuco samaritano tinha muitas divergências que se degeneravam em confrontos cruéis e sangrentos (Deiros, 2022, p. 395).

O povo samaritano era rejeitado pelos judeus, não fazia parte do censo, não eram alistados no exército, foram os primeiros a ter voltado do exílio e eram considerados impuros devido à idolatria. Os judeus estabeleceram o Templo de Jerusalém como local de culto, enquanto os samaritanos possuíam o monte Garizim construído antes do Segundo Templo. Eles seguiam um conjunto distinto de escritos e práticas diferentes do culto em Jerusalém. (Deiros, 2022, p. 395).

Santo Agostinho afirma que era a vontade de Deus que o povo de Samaria conhecesse o Deus verdadeiro (Agostinho, 2017, p. 287). Portanto, Jesus parte de um culto que, segundo a vontade de Deus, deve acontecer em

Jerusalém, e esta é a resposta de Jesus nos vv. 21-24, por isso ele afirma que “a salvação vem dos judeus”.

Jesus não só falava com mulheres, mas as convidava a participar de seu grupo de discípulos que era financiado por elas, e algumas delas até viajavam com ele (Lc 8,1-3) (Bayley, 2016, p. 205). Araújo revela uma distinção importante sobre a mulher judaica e a de Samaria que era apta ao estudo da Lei. Portanto, o testemunho da mulher samaritana era válido em questões legais, possuía legitimidade, motivo pelo qual os samaritanos foram ao encontro de Jesus para o escutar (Jo 4,39).

O diálogo entre Jesus e a Samaritana, de teor teológico elevado, evidenciava que a Samaritana possuía base para este tipo de diálogo. (Araújo, 2016, p. 247). A distinção entre a educação judaica e a educação samaritana veio trazer uma visão mais ampla da cultura samaritana e isto influenciou Jesus nas suas atitudes em relação às mulheres. Jesus, de forma perspicaz, quebra duas impossíveis barreiras existentes nessa época, a barreira cultural e a social, trazendo um grande impacto sobre seu ministério.

### 3 A abertura do coração

O coração é o lugar de adesão à fé, é onde a Palavra de Deus é chamada a permanecer e habitar (Dt 6,6). Na antropologia hebraica, o coração ou *leb*, é o centro da vida psicológica e moral, o órgão que melhor simboliza a vida na sua totalidade (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 255). Cristo, por sua mansidão, grandeza e humildade de coração, despertou na samaritana memórias afetivas, e sua experiência de fé fez com que ela fosse anunciadora da Palavra de Deus entre os samaritanos, a primeira comunidade a reconhecer Jesus como o salvador do mundo.

O Antigo Testamento fala do coração de Deus precisamente 26 vezes (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 258)<sup>1</sup>. Ele dirige o seu coração ao homem (Jó

<sup>1</sup> Os autores bíblicos falam, no Antigo Testamento, 26 vezes sobre o coração de Deus: Deus “dirige o seu coração ao homem” (Jó 7,17); o coração de Deus remete à sua natureza profunda que é amor, benevolência, condescendência e compaixão, não humilha nem aflige conforme a sua intenção (Lm 3,33); sofre quando constata a maldade humana (Gn 6,6); toma a terra no seu coração após o dilúvio (Gn 8,21); o seu coração se contorce por Israel (Os 11,8); observar os mandamentos e agir segundo o coração de Deus é essencial ao sacerdote, ao povo e ao rei (1Sm 2,35; 3,15; 13,14; 2Rs 10,30); Davi é um homem segundo o coração de Deus (1Sm 13,14); o coração de Deus rejeita a idolatria (Jr 7,31; 19,5; 32,35); o coração é o lugar da decisão de Deus e sua firme intenção (2Sm 7,21; 1Cr 17,19; Sl 33,11; Jó 10,13; Is 63,4; Jr 23,20; 30,24; a expressão referida à decisão de Deus e a sua promessa: “com todo o meu coração e com toda a minha alma” (Jr 32,41); Deus diz a Salomão que os seus olhos e o seu coração estão no templo (1Rs 9,3; 2Cr 7,16); o coração de Deus aparece no Novo Testamento na humanidade de Jesus (Mt 11,27. 28-30); o Messias na sua mansidão e humildade de coração (Sr 51, 23-26); a expressão de sabor semítico “ter um só coração” (Ez 11,19).

7,17) cuida dele, dá-lhe atenção e manifesta-lhe o seu interesse. Para a Sagrada Escritura, o coração é o órgão da vida espiritual e da fé. Não é por acaso que Jesus se revele em primeiro lugar a uma mulher samaritana. Na Antiguidade e no protojudaísmo (Zenger et al., 2016, p. 46-47)<sup>2</sup> observavam-se muitas barreiras entre homens e mulheres.

#### 4 O Tema da “Água Viva”

O pedido de Jesus “Dá-me de beber” integra as histórias das fontes (Beutler, 2015, p. 115)<sup>3</sup>. Essa sede não é somente física. Jesus experimenta a fome, a sede e as carências físicas que também têm o seu lado espiritual. Beutler alega que os elementos históricos levam a crer que histórias de noivados descritos na Bíblia são geralmente à beira de uma fonte. (Beutler, 2015, p. 115). Cenas nas quais o noivo encontra uma jovem junto a uma fonte, tira-se água do poço e a jovem corre para casa para dar a notícia do encontro. Prepara-se uma refeição, geralmente ligada ao noivado, com a entrega do presente à noiva e a auto apresentação do candidato. A partir desses relatos, pode-se entender o valor simbólico do tema das núpcias em Israel (vv.16-26). Porém, esse pedido de Jesus junto à fonte pode também estar relacionado ao esforço e ao cansaço da sua viagem e do grande calor do meio-dia (vv. 4-6). Além disso, a sede de Jesus pode estar ainda relacionada à sede de salvação da humanidade, como no momento da crucificação (Jo 19,28).

No Antigo Testamento, o tema da água é um sinal e símbolo. A água para a vida de Israel é a Palavra de Deus (Dt 8,3; 32,47). De fato, dessa Palavra dirigida a Abraão nasce o Reino de Israel como promessa de uma descendência (Gn 12,1-2; 15,1-6) e, sobretudo mediante os profetas. A sua falta provocava fome e sede, como a falta de pão e água (Am 11,13), mas infelizmente os reis e o povo às vezes desprezavam as “águas de Siloé” recorrendo às águas abundantes do rio Eufrates (Is 8,6-8). As águas de Siloé eram consideradas a “fonte que assegurava a vida para Jerusalém” (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 55). Essa é uma imagem de contraposição da fé na Palavra de Deus que o profeta Isaías

<sup>2</sup> A origem da história de Israel apresenta um perfil próprio literariamente caracterizado em termos de acontecimentos e unidade cultural e teológica. A proto-história de Israel integra a Torá de Moisés como documento-base da identidade judaica onde se desdobram as três gerações dos patriarcas de Israel. O arco narrativo termina com a morte de Jacó e de seu filho José no Egito.

<sup>3</sup> As histórias de fontes na Sagrada Escritura se encontram em três lugares: em Gn 24, 10-21, o servo de Abraão encontra Rebeca junto a uma fonte perto da casa de Nacor, seu avô; Gn 29, 1-13 Jacó encontra Raquel junto à fonte; Ex 2, 16-22 Moisés encontra junto à fonte Séfora com suas irmãs e os pastores de Jetro, seu futuro sogro.

comunicava à confiança na aliança política com a Assíria, por temer a ameaça siro-efraimita em 734 (Is 7). Na literatura sapiencial, o simbolismo da água aparece em Provérbios 13,14; 18,4. Nos Salmos, o “justo” é como a árvore à beira de um rio, e a alma anseia por Deus no terreno árido à espera da água (Sl 1,3; 23,2; 42,2s; 63,2; Jr 17,8). O Sirácida identifica a sabedoria com a Lei do Altíssimo, que é como uma água retirada para irrigar o seu canteiro, a sua obra de mestre de sabedoria (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 55).

No Novo Testamento, é mostrado o rio de água viva ao vidente de Patmos na Jerusalém celeste (Ap 22,1-2). A água tranquila e fecunda é a imagem do “dom” por excelência do Espírito que gera a vida divina nos fiéis (Jo 4,10-15; 7,39; 20,22)<sup>4</sup>.

No Quarto Evangelho, a água adquire significado simbólico no diálogo com a samaritana (Jo 4,7-15). A água é a revelação de Deus dada aos homens por meio de Jesus e a salvação que ele traz (Jo 4,22). A água também é identificada com o Espírito (Jo 4,22), no convite dirigido à multidão, os fiéis o receberão por meio de Jesus quando ele for “exaltado” na cruz. João mostra a água viva que jorra do lado traspassado de Cristo (Jo 7,37-39; 8,28; 19,34). A água na boca de Jesus (saliva) se torna o sinal da fé que devolve a visão ao cego (Jo 9,6) e o leva a ver com os olhos da alma a salvação em Jesus. A cegueira que é real é transferida para o âmbito simbólico (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 55).

Jesus inicia o diálogo com a mulher de Samaria pedindo-lhe água. Um pedido a princípio desprezioso, mas que para o leitor familiarizado com a literatura joanina desde o seu prólogo (Jo 1,1-8), era o início de uma profunda discussão teológica. As mulheres iam buscar água pela manhã ou ao entardecer, e costumavam fazer isso em grupo. O fato de uma mulher samaritana ir buscar água ao meio-dia, indicava que era socialmente marginalizada e considerada inferior (Bayley, 2016, p. 204). Deiros comenta sobre a marginalização da mulher na tradição judaica (Deiros, 2022, p. 397)<sup>5</sup> e Brown esclarece sobre a

<sup>4</sup> Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 56. A água viva supõe a verdadeira felicidade entre o Pai e os seus filhos enfim transformados plenamente conforme a imagem do Filho Jesus Cristo (Rm 8,16-17.29).

<sup>5</sup> Deiros afirma que o encontro com a samaritana não foi circunstancial, foi planejado com antecedência, e que Jesus estava violando três tradições judaicas: a primeira, relacionada à questão de contaminação cerimonial, os samaritanos eram considerados impuros devido à idolatria; a segunda, dizia respeito à profissão de Jesus, um rabino (mestre) não deveria falar com mulher em público, nem mesmo esposa ou irmã, muito menos com mulher estrangeira, samaritana; a terceira era uma questão social e cultural, às mulheres era negado qualquer tipo de ensino, em especial a leitura da Torá no templo.

pureza ritual (v.9) em contraposição com a impureza das mulheres samaritanas (Brown, 2020, v. 1, p. 383)<sup>6</sup>. Era um plano de Jesus, nesse encontro com a samaritana, redimir as mulheres de sua inferioridade, dando-lhes a dignidade que mereciam, ensinando os discípulos a superarem as barreiras das diferenças sociais, raciais e de gênero (Deiros, 2022, p. 398).

Bayley comenta a profundidade da ação de Jesus ao quebrar um tabu social e conversar com uma mulher em um local desabitado e sem testemunhas (Bayley, 2016, p. 205). Hahn e Mitch comentam que Jesus transcende os limites da tradição judaica que aconselha os homens a não conversarem com mulheres em público (4,27), a não beber com um samaritano (4,7) nem se relacionar com um pecador conhecido (4,18) (Hahn; Mitch, 2015, p. 41). Ravasi acrescenta que impuro é todo aquele considerado indigno de estar na presença de Deus no templo (Lv 11-16), e que Jesus relativiza as abluções e lavagens desviando-se de uma religiosidade mais genuína e autêntica (Mc 7,2-4), e ainda que os seis jarros para a purificação dos judeus que foram transformados em vinho (Jo 2,6) representam o mundo que está para terminar diante do anúncio messiânico (Ravasi; Penna; Perego, 2022, p. 54)<sup>7</sup>.

O pedido de Jesus  $\delta\acute{o}\varsigma \mu\omicron\iota \pi\iota\epsilon\acute{\iota}\nu$  “Dá-me de beber”, “Tenho sede” ou “Dê-me um pouco de água”, na maioria das traduções (Brown, 2020, v. 1, p. 383)<sup>8</sup>, contém um sentido profundo que escapa à mulher samaritana. O evangelista acentua a incapacidade da razão humana diante da revelação do Verbo. Santos afirma que a razão rejeita uma revelação que não pode explicar e nem justificar (Santos, 1994, p. 132). Maggioni acrescenta que ao intuir algo do mistério de Jesus, a samaritana o interpreta em função de suas próprias necessidades e preocupações (4,15) (Maggioni, 2015, p. 100). Nesse sentido, Brown comenta que, do ponto de vista narrativo, o evangelista se utiliza do recurso do mal-entendido, quando Jesus está falando da água da vida e a mulher está pensando na água corrente (vv.10-11.15) (Brown, 2020, p. 383).

<sup>6</sup> Havia uma regulamentação judaica (65-66 d.C.) que afirmava que as mulheres samaritanas jamais poderiam ser incluídas na pureza ritual, pois menstruavam desde o berço (Lv 15,19).

<sup>7</sup> O gesto de Jesus certamente vai além de um gesto de humildade, mas evoca uma purificação não ritual da qual todos têm necessidade, mas só Jesus é capaz de operar (Jo 13, 3-16).

<sup>8</sup> A tradução grega é, literalmente, “Dá-me de beber” (Santos, 1994, p. 41-42). Apesar das divergências entre os especialistas, somente a análise das citações do quarto evangelista poderá elucidar qual o texto da Escritura que João lia, ao que parece, a Bíblia grega (LXX), bem como o Texto Massorético (TM) encontrado em Qumran. Portanto, é impossível estabelecer se João dependia dos referidos textos ou das traduções aramaicas, dos Targuns entre outros tipos de textos divergentes.



O motivo da água ocupa um papel central quando Jesus proclama “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crê em mim!” (Jo 7, 37-38). Também na cruz Jesus experimenta a sede, mas ao mesmo tempo tem o poder de estancar a sede. Jesus tem sede de salvação de seus irmãos. Neste diálogo com Jesus e a samaritana surgem dois novos temas: a bebida que ele oferece e a sua pessoa, ele é a água vivificante jorrando para a vida eterna (Jo 4,14).

## 5 A conversão da mulher samaritana

Do ponto de vista narrativo, João utiliza o recurso do mal-entendido quando a mulher samaritana só entende as palavras de Jesus do ponto de vista meramente físico. Os versículos 16 a 18 se mostram conectados ao tema do marido, ou maridos, da samaritana. A ordem ὑπάγε, φώνησον τὸν ἄνδρα σοῦ, καὶ ἔλθὲ ἐνθάδε “vai chamar teu marido e volta aqui!” apresenta, logo em seguida, uma evolução progressiva do personagem antes incapaz de compreender o verdadeiro sentido das palavras de Jesus. Beutler aponta que Jesus ainda não tinha conseguido estabelecer um diálogo pessoal com a samaritana, e que com a troca do tema isso se tornou possível (Beutler, 2015, p. 120). Enquanto isso, Ska vê a resposta de Jesus conectada ao tema da infidelidade de Israel com seu Deus (Os 2) (Ska, 1996, p. 641-652). Já Beutler afirma que Jesus utiliza uma de suas técnicas de persuasão (Jo 4,16) para abrir o coração da mulher samaritana à Palavra de Deus e ao diálogo, reabilitando não apenas a mulher, mas o povo samaritano a um novo compromisso matrimonial (Os 2) e para se cumprir a promessa de nova fecundidade (Beutler, 2015, p. 120).

Brown alega que aos judeus e samaritanos só era permitido até três casamentos e que isso deixaria a vida da mulher samaritana marcadamente imoral. Além disso, nos comentários de Brown são encontrados no simbolismo dos cinco maridos da mulher samaritana uma comparação aos cinco livros de Moisés e a conquista dos assírios, cujos colonizadores estrangeiros vieram de cinco cidades trazendo cinco cultos pagãos ou ba’lim<sup>9</sup> (2Rs 17,24ss) (Brown, v. 1, 2020, p. 384).

<sup>9</sup> A palavra hebraica para “esposo” (ba’al, “mestre, senhor”) era também usada para uma divindade pagã. Nesse caso, a mulher, representando Samaria, teve cinco ba’lim ou cinco deuses que cultuou previamente, e o atual ba’al que ela cultuava (Iahweh) não era o seu ba’al porque o javismo samaritano era impuro (v. 22). Esse jogo de palavras de João sugere que a mulher samaritana mantinha intenções matrimoniais para com Jesus ao mentir sobre os maridos (Bligh, p. 335-36), No Antigo Testamento encontram-se passagens de homens e mulheres junto a poços (Gn 24,11; 29,12; Ex 2,15). No entanto, o evangelista não apresenta evidências dessas intenções da mulher samaritana e não se tem certeza de que essa alegoria fosse um fato conhecido naquela época.

Mitch e Hahn comentam que as cinco tribos estrangeiras que se misturaram com os israelitas do norte (os samaritanos) introduziram cinco divindades masculinas em sua religião. Esses ídolos foram denominados *ba'al*, palavra hebraica que significa “senhor” ou “marido”. Os profetas denunciaram Israel por servirem a esses deuses considerando essa idolatria uma infidelidade ao seu Esposo da Aliança, Javé. No entanto, havia a esperança de que um dia Deus tivesse piedade e voltasse a ser o eterno esposo dos samaritanos pelos laços de uma Nova Aliança (Os 2, 16-20). Esse dia chegou com o ministério de Jesus, o “noivo divino” (3,29), que veio para salvar o povo samaritano de uma vida de enganos com os seus “cinco maridos” pagãos (4,6) (Hahn; Mitch, 2015, p. 41).

No Novo Testamento, Jesus vence todas as barreiras do preconceito para admiração de seus discípulos. Através dos tempos, o seu procedimento incomoda, no duplo sentido da palavra, como escândalo e como convite a seguir na superação do preconceito em relação às mulheres que passaram a segui-lo fielmente (Beutler, 2015, p. 126). Se a mulher de Samaria é anunciadora da mensagem da salvação de seus compatriotas, ela igualmente permanece como referência para as mulheres a serviço do anúncio até os dias atuais. Por meio da metáfora da vida matrimonial da mulher, o evangelista prepara o próximo tema da conversa que é o lugar do culto, tema principal do conflito entre judeus e samaritanos (Beutler, 2015, p. 120). De fato, a conversão da mulher samaritana mudou sua perspectiva na percepção da realidade, fazendo-a descobrir a verdadeira identidade de Jesus como o messias enviado por Deus. E isto só foi possível graças à estratégia utilizada por Jesus ao demonstrar conhecê-la na intimidade (Jo 4, 29).

## 6 O verdadeiro alimento (4, 27-38)

A seguir, Jesus fala que o seu alimento é fazer a vontade de seu Pai e, portanto, realizar a vontade salvífica do Pai (vv.31-34). É comum ver no Evangelho de João a presença do mal-entendido. Aqui a mulher de Samaria no início do diálogo não entende a sede de Jesus e por isso não o atende, pois demonstra incompreensão. Todas essas informações históricas foram necessárias para compreender a perícopes de Jo 4, 4: ἔδει δὲ αὐτὸν διέρχεσθαι διὰ τῆς Σαμαρείας “era necessário passar por Samaria”. Esta perícopes apresenta o caminho escolhido por Jesus como uma necessidade, ele escolheu esse caminho não por ser o mais curto, mas porque atravessava a região da Samaria. Jesus poderia ter escolhido o caminho mais longo percorrido pelos judeus para evitar essa região, mas precisava cumprir a sua tarefa missionária de fazer a vontade de seu Pai. Ele sabia que deveria romper as barreiras de inimizade entre os judeus e os samaritanos. O seu evangelho era destinado a todos os povos.

## 7 O verdadeiro lugar do culto e a superação do preconceito étnico-religioso

O lugar do culto passa a ser um lugar no qual as diferenças entre o sacrifício e os diversos lugares de oração são superados no tempo do fim. João usa duas expressões “Vem a hora” (v. 21) e “Vem a hora, e é agora” (v. 23) no mesmo diálogo, mas que não representam dois estágios diferentes da mesma redação. Outra expressão que merece esclarecimento é a adoração “em espírito e em verdade” (4,23-24) que não se trata de um culto interior sem a presença da comunidade, ritos e ministros, mas um culto do tempo final, onde o Espírito será o dom de Deus no tempo que virá, o tempo da “Nova e Eterna Aliança” (Ex 36, 26). Brown afirma que no v. 23 o ponto em questão muda o lugar de culto para a forma de culto (vv. 20-21) (Brown, 2020, p. 396). Na literatura joanina, a verdade é um conceito teológico que faz correspondência com os textos de Qumrã (1QS 4,19-22) que, em um conceito escatológico, Deus derrama o espírito da verdade sobre os seus adeptos e assim os purifica para o seu serviço, instruindo-os no conhecimento divino da observância da Lei (Idem, 2020, p. 397). O versículo 24 une espírito e verdade capacitando o homem a cultuar a Deus como convém. Os temas joaninos estão estreitamente entrelaçados, Jesus é a verdade (14,6) que revela a verdade de Deus aos homens (8,45; 18,37); o Espírito de Jesus é o Espírito da verdade (14,17; 15,26) que vai guiar os homens na verdade (Ibidem, 2020, p. 397).

O verdadeiro lugar do culto é, portanto, um lugar teológico a ser alcançado por todos os fiéis cristãos que acreditam na Boa Nova de Cristo. A questão agora não é “onde”, mas “como” adorar a Deus. Brown afirma que o contraste entre o culto em Jerusalém ou sobre o Garizim e o culto em Espírito e verdade faz parte do constante dualismo joanino entre o lugar terreno e o celestial, o lugar “de baixo” e o “de cima”, a carne e o Espírito. Jesus está se referindo a substituição escatológica das instituições temporais (2, 13-22). Foi o próprio Jesus que assumiu o lugar do templo (2,21), e aqui é o Espírito dado por Jesus que irá animar o culto e substituir o lugar no templo (Ibidem, 2020, p. 397). Deus só pode ser adorado como Pai por aqueles que possuem o Espírito que os faz filhos de Deus (Rm 8, 15-16). O Espírito pelo qual Deus os gera de cima (Jo 3,5) que eleva os homens acima do nível terreno, isto é, acima da carne, os capacita a cultuar Deus como convém (Ibidem, 2020, p. 397). A verdade na comunidade joanina assume a fé como a verdade que liberta e rompe com as barreiras ou concepções filosóficas da época. A inspiração bíblica não pode negar o contexto histórico e cultural, pois Deus se revela nos acontecimentos e os escritos bíblicos dão testemunho dessas vivências

reveladoras na interpretação bíblica. A acolhida da mulher samaritana, que se torna discípula e anunciadora da Boa Nova de Cristo, manifesta a preocupação de uma leitura do texto que possibilite o reconhecimento de Deus em todos os povos e culturas e enfatiza que a novidade de Jesus ultrapassa todas as fronteiras geográficas, culturais e sociopolíticas.

O evangelho de João é o único que apresenta a mulher como porta-voz do anúncio da Boa Nova de Cristo na região da Samaria. Essa narrativa não encontra paralelo nos sinóticos. O papa São João Paulo II exaltou o papel da mulher na Igreja e na sociedade (Carta Mulieris Dignitatem, 1988). Da mesma forma, o papa Francisco fez notar a contribuição das mulheres na reflexão teológica (Evangelii Gaudium, 103) e exalta em virtude o gênero feminino na contribuição para a interpretação da fé. A mulher samaritana é venerada como santa pela Igreja Oriental e recebeu o nome Photeine, palavra derivada do grego φῶς que significa “luz”. Este é, pois, o verdadeiro nome atribuído à mulher samaritana (Jo 4,7), não como nome de origem, mas por sua conversão e missão (Attridge, 2013, p. 269).

Assim como a trajetória espiritual de Nicodemos (Jo 3, 1-21), um dos temas centrais do Evangelho de João, as comunidades do discípulo amado apontam para a necessidade de livrar-se dos sistemas legalistas em direção à verdade que liberta e seguem a Jesus de Nazaré, “o caminho, a verdade e a vida”, em oposição à Lei que oprime, exclui, imposta pelo Templo de Jerusalém. A mesma liberdade no Espírito que moveu Jesus permanece como vocação interior em cada cristão, como uma verdade que garante vida e futuro a todos os habitantes de todas as nações pelas quais Jesus entregou a sua vida. Mas, para dispor-se ao diálogo permanente e sincero, é preciso desarmar as estratégias de defesas corporativas, esvaziar a mente antiga e abraçar a nova versão do Espírito que comunica a vida e cuja presença ativamente orientadora se projeta para o futuro passando pelo ontem e pelo hoje.

## Conclusão

O presente artigo apresentou o breve esboço narrativo de Jo 4, 1-42, uma história bem construída que não revela muito para hipóteses de fontes e camadas (Beutler, 2015, p. 112). No entanto, não faltam propostas que sempre apontam para a importância da compreensão do diálogo entre Jesus e a samaritana na tradição bíblica. Partindo do ciclo das origens ao ciclo dos patriarcas, passando pelas tradições proféticas e sapienciais do Antigo Testamento, a relação de continuidade da experiência no Novo Testamento demonstra que a Bíblia é um conjunto de livros históricos e de narrativas que

exprimem a fé abrindo o seu horizonte para a universalidade (Maggioni 2015, p. 66). Jesus não se deixa aprisionar por restrições e se mostra convicto de que há algo mais profundo a recuperar, renovando os problemas desde os seus alicerces. A lucidez de Jesus o torna originalmente inigualável (Maggioni, 2015, p. 66), e nesse horizonte é que se encontra o amor de Deus por sua criação. No Quarto Evangelho, toda a existência do homem é registrada por meio de sinais para afirmar as mensagens do amor de Deus que se anunciam e se concretizam. Desde a abertura ou Prólogo (Jo 1,1-18) a Palavra de Deus, que é Jesus, se encarna para que o Pai possa dialogar com o ser humano e se antecipa na história para aqueles que a procuram, tal qual a Sabedoria se apresenta no Antigo Testamento (Sb 6,13-14). Deus quer mostrar que nos ama até o fim (Konings, 2019). O rosto de Deus é o Amor: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9), frase que foi dita por Jesus poucas horas antes da sua glorificação. Jesus dá a sua vida por amor, ele é o rosto do Pai que é Amor (1 Jo 4,8.16). A partida de Jesus para a Galileia e sua etapa na Samaria ocorre antes do segundo sinal de Jesus, em Caná da Galileia (Jo 4, 46-54). Jesus está a caminho de novas paisagens e coletividades humanas. Para Beutler, a narrativa atinge o seu encerramento com conversão dos samaritanos que passam a reconhecer Jesus como o “salvador do mundo”. Jesus vence as barreiras do preconceito para admiração de seus discípulos. Através dos tempos, o seu procedimento incomoda, no duplo sentido da palavra, como escândalo e convite para seguir o seu exemplo na superação do preconceito. (Beutler, 2015, p. 126). E a mulher samaritana é apresentada como a primeira mulher missionária da mensagem da salvação de seus compatriotas permanecendo até hoje como exemplo de serviço do anúncio do Evangelho a todas as gerações.

## Referências

- AGOSTINHO, S. *Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de São João*. Tomo I. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.
- ARAÚJO, G. L. *Jesus e a Samaritana*. Revista de Cultura Teológica PUC/SP, n. 87, jan/jun, 2016.
- ATTRIDGE, H. W. *The Samaritan: A woman transformed*. Mohr Subeck: Tubingen, 2013.
- BAYLEY, K. E. *Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

- BEUTLER, J. *Evangelho Segundo João*: comentário. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- Bíblia Sagrada de Jerusalém, edição de 1988. 4ª impressão. São Paulo: Paulus, 2006.
- BLIGH, J. *Gospel of John: A commentary*. United Kingdom (UK): St. Paul Publications, 1966.
- BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BROWN, R. *Comentário ao Evangelho Segundo João*, v. 1, São Paulo: Paulus, 2020.
- Carta Mulieris Dignitatem do Papa João Paulo II, 1988.
- CASALEGNO, A. *O Evangelho de João na interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais*: florilégio de Clemente Romano a Tomás de Aquino. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- DEIROS, P. A. *Novo Comentário Bíblico Vida: João, o Evangelho do amor*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2022.
- DE LEO, G. *Il Quarto Vangelo: il vangelo dei segni, il vangelo dell' ora*. Scuola di Formazone Teologico-pastorale. Taquinia, 2018-2019.
- DUFOUR, L. *Leitura do Evangelho segundo João*. v. 3. São Paulo: Loyola, 1996.
- Exortação Apóstólica Evangelii Gaudium do Papa Francisco, 103, 2013.
- FABRIS, R., MAGGIONI, B. *Os Evangelhos*. v. 2. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HAHN, S.; MITCH, C. *O Evangelho de São João*: cadernos de estudo bíblico. São Paulo: Ecclesiae, 2015.
- <https://en.katabiblon.com/us/index.php?text=GNT&book=Jn&ch=4>
- KONINGS, J. *João: o evangelho do amor de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- KÖSTEMBERGER, A. J. *John: Baker Exegetical Commentary on the New Testament*. Michigan: Baker Academic, 2004.
- MAGGIONI, B. *Um Deus Fiel à História*: a experiência espiritual na Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MANNUCCI, V. *Bíblia Palavra de Deus*, 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. *Vocabulário teológico do Evangelho de São João*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019.
- MILLOS, S. P. *Comentário Exegético al texto griego del Nuevo Testamento Juan*. España: Editorial Clie, 2016.

RAVASI, G.; PENNA, R.; PEREGO G. *Dicionário de Temas Teológicos da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2022.

SANTOS, B. S. *Teologia do Evangelho de São João*. São Paulo: Santuário, 1994.

SIQUEIRA, F. B. O Convívio dos Diferentes: um desafio para a inclusão à luz de João 4. *Revista Teológica Discente da Metodista*. v. 1, n. 1, jan/dez, 2013.

SKA, J.-L. *Jesus et la Samaritaine (jun 4), Utilité de l'Ancien Testament*: Paris: Editions du Cerf, 2004.

VANNI, U. *Il tesoro di Giovanni: un percorso biblico-spirituale nel Quarto Vangelo*. Assisi: Cittadella Editrice, 2016.

VENÂNCIO, M. A., MILLEN, M. I. C. *Um Estranho no Poço de Jacó: reflexões sobre Jo 4 a partir d'O Inquietante de Sigmund Freud*. CES/JF Revista. v. 1, n. 1, jan/jul, 2017.

ZENGER, E. et alli. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

#### **Como citar:**

ARAÚJO, Maria Isabel dos Santos. Um diálogo que abre o coração: Jesus e a Samaritana junto ao poço de Jacó (Jo 4,1-42). *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, edição especial, p. 35-49, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23-ed.especial-2024-2>